



AS PERCEPÇÕES DE GÊNERO EM UMA TURMA DE ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS

DÁRIO MILECH NETO¹; ÂNDREA LENISE DE OLIVEIRA LOPES²; LOURDES
MARIA BRAGAGNOLO FRISON³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – milechneto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – lopes.andrea.geo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – frisonlourdes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Um dos locais de formação e sociabilidade entre indivíduos diferentes é a escola. É nela que cada nação forma seus cidadãos para a vida e os tornam conhecedores da realidade ao seu redor. O ambiente escolar é o espaço por excelência para que o tema de gênero seja debatido e apropriado, assim como outros temas, de forma a evitar violências como o a que chamamos de *bullying*, por exemplo.

Nesse trabalho decidimos explorar o conceito de gênero, atentando para a sua construção ao longo da história e demonstrar como a escola tem um papel fundamental para a propagação dos estereótipos sociais determinantes. Para isso, decidimos compreender como alunos de sexto ano de uma escola pública da cidade de Pelotas (cujo nome decidimos manter anônimo) lidam com a questão de gênero, sobretudo quando tocamos na questão da violência entre eles.

O objetivo principal é identificar e analisar as percepções do tema gênero no ambiente escolar, com ênfase ao tema de violência de gênero dentro da turma que pesquisamos. Através da coleta de dados quantitativos, tentaremos detectar essas percepções e o que elas implicam quando tratamos da questão de gênero nas escolas.

Compreendemos gênero como um conceito que diz respeito às diversas representações (culturais, sociais e históricas) feitas a partir da diferença biológica dos sexos. Ele compreende que as noções de masculinidade e feminilidade são construídas socialmente, ao contrário da distinção inata do binômio macho-fêmea da determinação sexual - um entendimento expresso no texto de PISCITELLI (2009).

Não só no Brasil, mas no mundo inteiro a discussão em torno desse termo se faz cada vez mais necessária, pois ela é útil para compreender como e por que ocorreram (e ainda ocorrem) os diversos casos de violência e discriminação e como combatê-los, além de destacar os agentes sociais envolvidos em um jogo de relações de poder, onde geralmente o feminino é o lado mais atingido.

Ao destacarmos a ideia de PISCITELLI (2009), a de locais de sociabilidade, acreditamos que a escola como sendo um desses locais tem uma fundamental importância para a construção (e perpetuação) de noções de gênero entre alunos que serão, conseqüentemente, cidadãos e futuros agentes da sociedade em que estão colocados, independentemente de qual for essa sociedade.

Mas por que, afinal, devemos trabalhar a questão de gênero no ambiente escolar? A resposta mais simples (e que nos aparece com maior clareza quando falamos do assunto) é a de que o enfoque das escolas brasileiras esteve, historicamente, sempre ligado apenas na questão do sexo como reprodução e nas doenças sexualmente transmissíveis (DST). Porém, além dessa tradição educacional brasileira em tratar da sexualidade tão somente dessa maneira,



devemos compreender o ambiente escolar não apenas como um local de sociabilidade, mas sim como algo maior, ou seja, um espaço sociocultural, como explicita DAYRELL (1996).

A escola como lugar de promoção da aprendizagem deve abordar as questões vinculadas à sexualidade e ao gênero a fim de garantir que as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica descritas nos PCN's (BRASIL, 1997) sejam cumpridas, alcançando não apenas os conteúdos escolares, mas também a transformação do sujeito e a promoção do cidadão crítico para que as situações de violência, preconceito e discriminação não continuem afastando da escola as minorias, promovendo a equidade no ambiente escolar. SOUSA (2016) acrescenta que diversas consequências são sentidas em função da violência de gênero no ambiente escolar, como o abandono precoce das atividades escolares, diminuição do rendimento escolar, problemas psicológicos como a queda da autoestima e autoconfiança dos alunos, além do estresse e comportamento de risco dentro e fora da escola. Salienta-se ainda que essas consequências extrapolam o tempo-espço escolar, ou seja, são carregadas para a vida do aluno que na maioria das vezes desenvolve problemas de convivência em sociedade.

2. METODOLOGIA

Aplicamos um questionário quantitativo na turma de ensino fundamental (6º ano) de uma escola da rede estadual da cidade de Pelotas - mais especificamente com 16 alunos ao total. O questionário foi baseado para conter duas respostas, sim ou não, na maioria dos questionamentos. As perguntas, em ordem, foram as seguintes: 1. *Você percebe um tratamento diferenciado entre meninos e meninas por parte da direção e professores da sua escola?* Sim/Não. 2. *Você costuma colocar apelidos em seus colegas?* Sim/Não 3. *Você costuma defender-se das agressões verbais/físicas de que forma?* revida com violência verbal/ revida com violência física/ solicita providências da escola e/ou professores/ não revida e não fala nada a ninguém. 4. *Tu achas que existem brincadeiras só de meninos e brincadeiras só de meninas?* Sim/Não. 5. *Tu costumas realizar atividades/brincadeiras em grupos de ambos os gêneros, meninos e meninas?* Sim/Não. 6. *Você já agrediu fisicamente algum colega do sexo oposto?* Sim/Não 7. *Você já agrediu verbalmente algum colega do sexo oposto?* Sim/Não. 8. *Você já praticou algum tipo de violência verbal/física contra algum colega do sexo oposto?* Sim/Não 9. *Você acredita que exista algum padrão de comportamento ideal para as meninas?* Sim/Não 10. *Você se identifica com qual sexo?* Feminino/Masculino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o trabalho em estado concluído, a partir da primeira pergunta, em que 10 dos 16 alunos responderam afirmativamente que percebem o tratamento diferenciado por parte da escola, podemos ver que as respostas vão ao encontro com o que citamos no referencial teórico, acerca do papel da direção escolar e de outros agentes, como o professor, no tocante às diferenciações que fazem entre meninas e meninos no cotidiano escolar, algo que, pelas respostas, concluímos ser perceptível para esses alunos.

As questões 2, 3, 6, 7 e 8 abordam o tema da prática da violência dentro desse ambiente. Na questão 2, por exemplo, perguntamos sobre o uso de apelidos por parte dos alunos, algo que entra no quesito de violência verbal.



Embora poucos (apenas 4) admitiram que rotulavam seus colegas com apelidos, é importante salientar que essa é uma forma de *bullying* muito comum, e que está intimamente relacionada aos modos de se portar dos indivíduos conforme os padrões socioculturais que determinada comunidade acha que são corretos ou não. Nas respostas da questão 3, pelo menos metade (8) revidaram com agressão verbal ou física como defesa quando foram alvos desse mesmo tipo de violência. A oitava questão também traz um número similar: metade da turma admitiu ter praticado de fato violência física ou verbal contra outros colegas.

Caberia à escola problematizar as causas dessa violência que os próprios alunos admitem ter praticado, em um trabalho conjuntamente com os pais e alunos, podendo, a partir do debate acerca da violência, levantar tais causas (como a questão de gênero), e trabalhar com elas em sala de aula, por exemplo. Quando nos voltamos para a questão 6, vemos que apenas cinco dos dezesseis alunos admitiram ter agredido alguém do sexo oposto. Mesmo assim, é um número significativo para uma pequena turma de ensino fundamental (praticamente 1/3). Essa “violência interpares”, como denominou QUARESMA (2010), é mais perceptível durante o horário recreativo na escola. Obviamente, a questão do gênero é uma das tantas outras facetas que compõe a questão da violência. O que devemos salientar aqui é que quando falamos em escola não podemos imaginá-la como um ambiente isolado. Os comportamentos dentro da escola foram, são e serão reproduzidos fora dela, ou seja, tanto o incômodo simbólico como o físico afeta o espaço amplo que é toda a sociedade.

Com a questão 9, em que mais da metade dos alunos (9 de 16) respondeu que existe, sim, um comportamento ideal para meninas, atestaremos para o fato de a escola também reproduzir (e não problematizar) a discriminação de gênero presente na sociedade, enfatizando e categorizando maneiras de se portar, vestir e socializar, o que demonstra a subalternidade do sexo feminino.

Mas, pelo menos, as respostas das questões 4 e 5 demonstram uma diferença positiva se compararmos com as questões que abordam o tema da violência. No caso da questão 4, quinze dos dezesseis alunos responderam que não acham que existam brincadeiras exclusivas para meninos ou exclusivas para meninas. Já na questão 5, também quinze alunos responderam que costumam realizar atividades/brincadeiras em grupos, que envolvem tanto meninos quanto meninas dentro da escola. O ato de brincar, sobretudo para as séries iniciais, é uma das atividades mais importantes dentro do ambiente escolar, pois a apropriação do espaço para brincadeiras varia também em função do gênero (QUARESMA, 2010).

4. CONCLUSÕES

Como vimos, o tema gênero ainda é pouco explorado pelo ambiente escolar, mesmo que diversas diretrizes educacionais o inclua como um dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. A comunidade escolar e a sociedade como um todo parecem não compreender – e muitas vezes ignoram seletivamente – o quão importante é o tópico, que está intimamente ligado à formação do aluno como um cidadão capaz de perceber a si mesmo e as diferenças ao seu redor.

A pesquisa de campo nos permitiu visualizar um cenário de uma classe (micro) que faz parte de algo maior, o sistema escolar brasileiro (macro), demonstrando a situação atual de modos de disciplina da conduta e violências cotidianas que tal meio reproduz e/ou permite que seja reproduzido. Como ambiente de sociabilidade, as atitudes de um aluno para com outro colega são



manifestadas fora desse lugar também, com outros agentes. Confrontos verbais e físicos, modos de recreação e brincadeiras são ações em que a trama do gênero se revela como uma das suas causas e, com isso, verificamos muitos aspectos que compõe esse “agir” do educando e que muitas vezes estão implícitos dentro de um recinto com uma função tão homogeneizante, onde todas as crianças e adolescentes são rotulados meramente como alunos.

A escola pode, de fato, servir como propagadora dos estereótipos socioculturais determinados de masculino/feminino, mas acreditamos que ela pode ter o papel inverso se o conceito de gênero for incluído na pauta cotidiana. Assim, a instituição escolar passaria de mera reprodutora do senso comum para um espaço de problematização e aceitação das mais diferentes formas de identidades dos indivíduos que pertencem a ele.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Acessado em 03 de fev. de 2017. Online. Disponível em: www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 136-161.

PISCITELLI, A. G. Gênero: a história de um conceito. In: Heloísa Buarque de Almeida; José Szwako. (Org.). **Diferenças, igualdade**. 1ed. São Paulo: Berlendis e Vertecchia Editores, 2009, v. 1, p. 116-150.

QUARESMA, Luísa. Violência escolar e de Género: Vivências e representações sociais discentes. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**. Porto: Universidade do Porto. v. XX, p. 351- 374, 2010.

SOUSA, Marília Mendes M.; PEREIRA, Ana Carina S. Relações entre violência escolar, gênero e estresse em pré-adolescentes. **Revista Eletrônica de Educação**. São Paulo: Universidade de São Carlos. v.10, n.1, p. 110- 127, 2016.